

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O Contato Cultural entre Populações Pré-Coloniais nas  
Terras Altas do Sul Brasileiro: um Estudo de Caso do Sítio  
RS-AN-03, Bom Jesus – RS**

Marcus Vinicius Carvalho Pinto  
Prof<sup>ª</sup>. Orientadora: Dr<sup>ª</sup>. Silvia Moehlecke Copé

Porto Alegre, 2010.

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha mãe por todo seu apoio e preocupação e que, certamente, é a segunda pessoa mais interessada e contente ao ver esse trabalho escrito.

À minha orientadora, Silvia Moehlecke Copé, que aqui faço questão de chamar pelo nome e não por um título, por ter me aberto as portas do NuPARq e me guiado pelos caminhos da arqueologia. Por ter me permitido acesso irrestrito a tudo o que foi necessário para que esse trabalho fosse escrito, além de tantas conversas sobre o tema e de tantos telefonemas ter atendido quando precisei de ajuda. As falhas que aqui cometo não são por falha dessa orientação, que jamais foi ausente.

Não poderia deixar de agradecer ao Joaquim, meu valoroso amigo, que pacientemente viu tantas conversas desviadas para questões arqueológicas e problemas referentes a essa pesquisa, sempre estando disposto a ouvir e encorajar.

Igualmente agradeço a Samara, pela companhia via *msn* nas noites passadas em claro durante a redação deste trabalho.

À equipe que redescobriu a perdida receita dos “tradicionalis Bêtises de Banane”, e a quem, mesmo sem conhecer pessoalmente, tenho uma grande dívida, já que foram os responsáveis por uma das etapas do trabalho de campo e laboratório em cujos resultados essa pesquisa se apóia.

Por fim, aos colegas do NuPARq, parceiros ao longo desses anos todos e a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram com esse trabalho.

## Sumário

Lista de Figuras.....	4
Introdução.....	5
1. Definições Iniciais.....	7
1.1. Embasamentos do PRONAPA.....	8
1.2. Caracterizando Contato Cultural.....	9
1.3. Contexto de Inserção da Pesquisa.....	10
1.4. Padrão e Sistemas de Assentamentos.....	12
1.5. Território e Territorialidade.....	13
1.6. Articulação dos Conceitos para a Problemática do Contato.....	14
2. O Sítio RS-AN-03 e seus Artefatos Cerâmicos.....	16
2.1. Caracterização e Descrição do Sítio.....	16
2.2. Antecedentes de Pesquisas e Trabalhos Realizados.....	17
2.3. A Tradição Taquara.....	19
2.4. O Material Cerâmico.....	21
3. O Contato Cultural para o Caso do Sítio RS-AN-03.....	26
3.1. Contextualização das Evidências.....	26
3.2. Refletindo sobre o Contato entre Populações Taquara e Tupiguarani.....	28
3.3. O Caso do Sítio RS-AN-03.....	31
Considerações Finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	38
Anexos.....	45

## Lista de Figuras

Figura 1. Planta altimétrica do sítio RS-AN-03.....	17
Figura 2. Formas mais comuns dos vasilhames cerâmicos Taquara.....	20
Figura 3. Perfil estratigráfico da parede Leste da Casa C.....	26
Figura 4. Gráficos com resultados da difratometria.....	32

## Introdução

Desde que, na década de 1960, as pesquisas arqueológicas tomaram impulso em todo país com a implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, foram identificadas uma série de evidências de contatos culturais entre as diversas tradições ceramistas distribuídas pelo território nacional. Este tema, no entanto, foi ainda muito pouco explorado e com a exceção de alguns trabalhos, a grande maioria das publicações não traz nada além do que menções a esse processo de interação, ou então, hipóteses sem respaldo na análise dessas evidências e do registro arqueológico.

Essa pesquisa tentará verificar se, a partir da análise cerâmica e seu contexto, pode-se identificar, ou não, a ocorrência de contato cultural (e, em caso afirmativo, a forma como teria se dado) entre populações pré-coloniais das ditas tradições tecnológicas Taquara e Tupiguarani, em um estudo de caso do sítio RS-AN-03, localizado no município riograndense de Bom Jesus.

A escolha desse sítio ocorreu porque nele foi encontrado material cerâmico caracterizado como sendo da Tradição Tupiguarani, sendo que o contexto do sítio remete a uma ocupação pertencente à Tradição Taquara.

O trabalho está dividido da seguinte forma:

No primeiro capítulo apresentamos uma breve discussão sobre o termo contato cultural, inserindo-a em um panorama mais amplo. São levantados conceitos como o de padrão e sistema de assentamento e em seguida apresentamos uma discussão sobre território e territorialidade e a maneira como acreditamos que a articulação de todos esses elementos seja essencial para se pensar a problemática do contato cultural.

Já no segundo capítulo apresentamos uma descrição geral do sítio RS-AN-03, dos trabalhos arqueológicos já realizados nele, uma caracterização da Tradição Taquara e terminamos apresentando o material arqueológico no qual nos apoiaremos para desenvolver a questão no terceiro capítulo.

Por fim, no terceiro capítulo, o material arqueológico do sítio é contextualizado a fim de averiguar se é mesmo um caso de contato cultural. Em seguida, são apresentadas algumas das discussões e teorias encontradas na bibliografia que ajudam a entender esse tipo de situação. Então, com base na análise das evidências, são testadas algumas hipóteses na tentativa de perceber as limitações que a própria fonte oferece

para explicações sobre o contato cultural e, sempre que possível, indicar a maneira como esse processo pode ter ocorrido para o caso do sítio RS-AN-03.

## 1. Definições Iniciais

Grande parte do território nacional era até a década de 1960, um cenário praticamente inexplorado arqueologicamente, a essa realidade somava-se o caso do Rio Grande do Sul. Em 1961, ocorreu a aprovação da lei de proteção às jazidas arqueológicas e isso acarretou a necessidade de implantação de cursos voltados à qualificação profissional dos pesquisadores em arqueologia (Prous, 1992; Dias, 1995). Desde 1954, quando, em São Paulo, foi realizado o Congresso de Americanistas, o casal Betty Meggers e Clifford Evans era convidado por José Loureiro Fernandes – na época diretor do Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná – para ministrarem um curso de treinamento de arqueólogos brasileiros (Evans, 1967). Em 1964, eles finalmente aceitam o convite e realizam um seminário que discutiu principalmente o método Ford, voltado para a construção de cronologias relativas a partir de sítios superficiais por meio de técnicas de seriação cultural (Souza, 1991). Foi a partir desse seminário que se elaboraram as matrizes do que viria a ser um programa arqueológico de âmbito nacional, com metodologia padronizada, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA. Ele teve início em 1965, e com isso uma grande quantidade de levantamentos e trabalhos arqueológicos começaram a ser realizados tanto no país quanto no estado (Evans, 1967; Schmitz, 1967).

O PRONAPA objetivava principalmente duas coisas: primeiro, o levantamento de dados que permitissem a elaboração de uma sequência de desenvolvimento cultural; segundo, de dados que possibilitassem estabelecer as direções de influências, migração e difusão das culturas pelo território nacional. Podemos, então, identificar um dos principais traços do programa: buscar as sequências do desenvolvimento cultural, tarefa para qual a cerâmica foi priorizada, enfatizando as regiões interioranas, muitas vezes não trabalhadas ou parcialmente pesquisadas (Evans, 1967). Pela proposta do programa foram elaboradas seriações reunidas em fases e tradições e que, por sua vez, marcavam a distribuição tanto espacial quanto temporal dos grupos humanos pré-históricos (Dias, 1995).

Para o Rio Grande do Sul foram identificadas três diferentes tradições cerâmicas: Tupiguarani, Taquara e Vieira. Cada uma destas ocupava uma determinada área do estado com características ambientais distintas. Com as pesquisas arqueológicas se percebeu uma série de evidências de contatos entre as diversas tradições cerâmicas (Rogge, 2004).

Foi com o mesmo programa que começaram a surgir esparsamente nas publicações dos dados as referências a contatos culturais entre as diferentes tradições que estavam sendo estabelecidas. Sendo assim, para tentarmos uma primeira aproximação com o termo “contato cultural”, é inevitável que, primeiramente, nos voltemos para o modelo científico que orientou as ações do PRONAPA.

### **1.1. Embasamentos do PRONAPA**

O programa se insere em uma tendência empiricista evolucionista e histórico/culturalista que foi predominante para o contexto brasileiro das décadas de 1960 e 1970. Apesar dessas correntes possuírem orientações teóricas diferentes, foram colocadas em prática no mesmo período e foram usadas de forma combinada por alguns pesquisadores (Copé e Rosa, 2008). Sua ênfase era a coleta e a análise de objetos, buscando um grande número de sítios, no menor tempo possível e, como um dos resultados, obteve-se a sua classificação em fases e tradições arqueológicas. Os artefatos eram vistos como uma expressão do comportamento humano, das idéias e normas compartilhadas pelas pessoas da mesma sociedade e, por essa lógica, quanto mais objetos fossem coletados, mais clara seria a visão sobre esses grupos. Com a abordagem histórico/culturalista, o conceito de cultura adotado foi o de Franz Boas – um padrão de normas mantido implicitamente pelos membros da mesma cultura e obtido através de tradição e difusão de determinados traços e normas entre as culturas (Hilbert, 2007; Copé, 2006; Copé e Rosa, 2008).

Isso é exemplificado com a citação de Hilbert:

“Em muitas de suas pesquisas, nota-se a preocupação de Franz Boas em ilustrar que nem raça e língua formavam barreiras na dispersão de idéias e normas e que o comportamento humano era determinado pelo conjunto das tradições culturais transmitidos de uma geração a outra através do aprendizado e não pelo ambiente” (Hilbert, 2007, pg. 121)

Entendidos os embasamentos teóricos que orientaram o programa, fica mais fácil entender a divisão pelos pesquisadores em fases e tradições. A primeira tratando de conjuntos de objetos com determinadas características semelhantes e que são mantidas dentro de espaço e tempo reduzidos. Já a segunda, de um conjunto maior de objetos

similares, agrupados, em geral, em diversas fases e que mantêm esses traços, dentro de um tempo e espaço mais amplos (Schmitz e Becker, 1991).

## **1.2. Caracterizando Contato Cultural**

A soma das idéias migracionistas e difusionistas com a própria definição de cultura utilizada pelo PRONAPA e as suas aplicações nas definições de fases e tradições, tornam possível a noção de contato cultural para o caso da arqueologia, partindo de características expressas nos fragmentos cerâmicos encontrados em diversos sítios.

Rogge (2004) salienta que “culturas” não entram em contato, mas sim as pessoas que compõem um determinado sistema sociocultural. O autor diz que boa parte do que chamamos “cultura” nada mais é do que um fruto da interação entre indivíduos e que, portanto, ao falarmos em “contato” estamos falando do contato entre sociedades humanas.

Podemos dizer que as fases e tradições são criadas com base na identificação de certos elementos peculiares, no modo específico e característico de se fazer algo, fruto de escolhas e característico de um tempo e lugar, que podem ser usados para definir um conjunto de artefatos - em suma em seu estilo tecnológico (Sackett, 1977; Hegmon, 1992). Adotamos aqui essa definição de estilo tecnológico como compreendido por Dias (2007), como parte de um sistema cultural mais amplo e que pode servir de indicador para identidades sociais. Assim, podemos utilizar essas caracterizações culturais como um instrumento para compreender um dado sistema sociocultural. Ao entendermos a questão dessa maneira encontramos uma alternativa viável para se discutir a questão do contato.

Como Johnson (1977) salienta, os arqueólogos geralmente carecem de parâmetros para medir a interação entre grupos humanos. Assume-se geralmente que essa avaliação pode ser proporcionada pela semelhança entre dois tipos de artefatos que revelam o grau de interação entre os seus produtores. O autor, entretanto, faz a ressalva, e acreditamos é algo que deva ser levado em consideração em qualquer estudo sobre contato, que esse pode ser o caso desde que o estilo não esteja sendo usado como um distintivo por membros do grupo ou como fronteiras sociais, porque nesse caso a semelhança de estilo não será um indicador preciso, podendo apresentar um grau baixo de interação quando na verdade pode existir uma grande interação entre os grupos.

Nessa mesma linha de raciocínio, podemos fazer uma aproximação com o proposto por Barth (1997), ao falar sobre fronteiras de grupos étnicos, que diz que diferenças culturais podem existir apesar do contato e da interação social. Dessa maneira, a aparente ausência de evidências não necessariamente indica uma ausência de contatos.

Esse é um desdobre que deve ser levado em consideração antes de se fazerem afirmações precipitadas que descartem inteiramente a possibilidade de contatos. Entretanto, este trabalho tratará de um estudo de caso de um sítio onde se encontram indicadores arqueológicos de contatos culturais, mesmo assim essa era uma questão interessante para se levantar e acreditamos que esse fosse o suporte e a oportunidade apropriados para isso.

Da mesma maneira que não se deve precipitadamente afirmar a inexistência de contato, não se deve igualmente considerar que o simples fato de que sejam encontrados objetos ou cerâmicas com elementos estilísticos de tradições arqueológicas distintas em um mesmo sítio caracterize um contato cultural. Rogge, em sua tese (2004), resume algumas precauções que devem ser atendidas: é preciso que seja comprovada a inexistência de sobreposições das ocupações e que o sítio não tenha sido afetado por processos deposicionais ou pós-deposicionais (isto é, a contemporaneidade da ocupação não pode ser duvidosa, caso contrário o material de uma ocupação muito posterior, de dois grupos que nunca se encontraram, poderia ser misturado por inúmeros fatores e, assim, ser indevidamente interpretado como uma evidência de contato cultural).

### **1.3. Contexto de Inserção da Pesquisa**

Colocados alguns dos principais termos, noções e conceitos necessários para se refletir sobre o tema “contato cultural”, avançaremos agora para a apresentação de dois tipos de exemplos arqueológicos distintos que apresentam evidências dessas situações. Em um rápido levantamento e revisão da bibliografia arqueológica brasileira podem-se encontrar menções a contatos entre diferentes culturas pré-históricas com grande facilidade, entretanto, em sua grande maioria, essas evidências não passam de breves descrições nos trabalhos publicados. Como já vimos, tais menções são encontradas desde as primeiras publicações do PRONAPA e seguem aparecendo à medida que mais pesquisas vão sendo realizadas. Seleccionamos aqui dois tipos de casos distintos, de trabalhos posteriores ao programa.

O primeiro dos casos selecionados foi relatado por Schmitz (1988), em um artigo sobre as tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro que identifica casos de contato entre as Tradições Taquara e Tupiguarani. No município de Santa Cruz do Sul, foram encontrados fragmentos de cerâmica “mestiça” – mesclando características de ambos os grupos – em aproximadamente 1/3 dos 40 sítios identificados até aquele momento para a região. Todas as evidências encontradas pelo arqueólogo o fizeram supor uma intensificação nas relações entre os grupos, desde contatos esporádicos até uma relação de convivência. Entretanto, a questão não foi trabalhada com maiores detalhes. Este mesmo tipo de evidência é apresentado por Schmitz e Becker (1991), em um artigo sobre a Tradição Taquara. Nele os autores, contudo, não avançam na questão, e a explicação recai em linhas gerais sobre aspectos econômicos e de preservação de áreas de domínio territorial.

O outro exemplo que escolhemos para citar é o caso de um vasilhame Tupiguarani inteiro recuperado no interior de uma casa subterrânea com materiais típicos da Tradição Taquara, no município de Caxias do Sul. Foi afirmado que esse não é um caso isolado e que em locais dos arredores também foram recolhidos fragmentos cerâmicos de ambas as tradições. Este caso, porém, igualmente não foi estudado com maior profundidade, sendo apenas levantado que isso seria um indicativo de que os indivíduos retornariam a esse local (uma vez que a vasilha se encontrava emborcada) e que os dois grupos já manteriam uma relação de simbiose. Essa relação foi depois explicada como sendo o período em que as duas populações já estariam em contato ou convivência (Schmitz et al, 1988). Esse é um exemplo bastante significativo uma vez que no sítio do estudo de caso que aqui apresentamos ocorre o mesmo tipo de evidência.

Com esses exemplos se pretende demonstrar que apesar de referências a contatos serem freqüentes poucos foram os pesquisadores que realmente se debruçaram, tanto em pesquisas sobre o tema do contato cultural, quanto na própria definição do termo e em suas implicações teóricas, mesmo que utilizadas na caracterização das evidências. Com um interesse limitado quanto a temática, as evidências são muitas vezes encontradas e hipóteses gerais levantadas sem que maiores esforços sejam despendidos com o intuito de testá-las ou aprofundar essas questões.

Duas das poucas exceções nesse sentido a tratarem especificamente de contatos entre populações pré-coloniais são os pesquisados por Erika Robrahn (1996), em sua tese sobre os ceramistas do centro-oeste brasileiro e Jairo Rogge (2004), em sua

tese de doutoramento, sobre as tradições ceramistas pré-históricas do Rio Grande do Sul.

Na primeira, a autora se propõe a discutir a região centro-oeste enquanto área de confluência de diversos deslocamentos de grupos ceramistas seja na forma de pessoas, objetos ou informações. Busca, partindo da comparação de padrões e sistemas de assentamentos, uma caracterização do processo de integração e de ocupação da região, bem como a importância das relações entre os diversos grupos para esse processo.

Já na segunda, o autor se propõe a estudar situações de contatos entre povos das tradições ceramistas do estado do Rio Grande do Sul sob um enfoque que privilegia os processos de interação entre as populações em zonas de fronteira. Ele discute temas como território e migração, buscando interações nos estilos cerâmicos das diferentes tradições. É certamente a produção mais importante sobre o tema até o momento, ao menos para o caso do Rio Grande do Sul.

O presente trabalho visa então, contribuir, mesmo que de maneira modesta, para esse quadro de discussão. Acreditamos, porém que seja necessário apresentar mais algumas definições que serão de utilidade para pensar a problemática do contato. Mesmo que não sejam o foco direto de análise para a questão, estão por trás da maneira como essa discussão será trabalhada nos próximos capítulos.

Conceitos como padrão e sistema de assentamento, território e territorialidade, serão definidos da maneira como aqui são utilizados e entendidos. Assim se pretende uma articulação entre eles para uma melhor reflexão da análise do conjunto de evidências arqueológicas do estudo de caso em questão.

#### **1.4. Padrão e Sistemas de Assentamentos**

Ambos os conceitos foram desenvolvidos e receberam contribuições de diversos autores. Começaremos com uma breve definição de padrão de assentamento, uma vez que um sistema de assentamento é decorrente deste, apoiada principalmente em Willey (1953), Chang (1976) e Tringham (1972).

Antes de definir um padrão de assentamento, cabe definir um assentamento em si. Para isso me valho de Chang (1976, pg. 68) que define assentamento como “um ponto ou área espacial onde viveram seus habitantes e onde deixaram vestígios”.

Caracterizado um assentamento em linhas gerais podemos pensar agora em um padrão de assentamento. Com um padrão busca-se uma caracterização dos

assentamentos levando em consideração não somente suas localizações, características físicas e a cultura material presente, mas também a forma com que os diversos assentamentos interagem com o seu meio ambiente. Pretende-se além de uma mera disposição espacial na paisagem, a busca das demais relações culturais e das diversas atividades e aspectos sociais desempenhadas em cada um dos assentamentos. Em suma, com um padrão de assentamento busca-se definir a “fixação, ordenação do espaço vivido e construído pelo homem, a leitura de como o homem modela e atua na paisagem” (Reis, 1997, pg. 58).

Enquanto um padrão pode ser entendido como as relações físicas e geográficas de um grupo de sítios, as relações funcionais entre os sítios de um determinado padrão são tidas como sistemas de assentamento (Lanata, 1993).

O sistema de assentamento é formado pelos diversos padrões que dele fazem parte. É por isso que Forsberg (1985) resume três pontos centrais - sazonalidade, função e agregação social – onde cada sítio ocupa um lugar nessa configuração e o total forma o sistema de assentamento. Beber (2005) salienta que aplicar um modelo de sistema de assentamento para populações ceramistas implica na tentativa de integração de diferentes assentamentos, mas sem esquecer que ele faz parte de um sistema cultural que vai além das formas de assentamento, integrando diferentes esferas culturais. A dificuldade reside, portanto, em compreender e articular as diversas unidades que compõe o padrão.

### **1.5. Território e Territorialidade**

Aqui pretendemos demonstrar a maneira como os conceitos de território e territorialidade são íntimos aos de sistemas de assentamento e como a visão que adotamos desses conceitos podem trazer luz a certos pontos que ajudam a entender e explicar o contato cultural.

Em um artigo sobre economia pré-histórica E.S. Higgs e Vita-Finzi (1972) consideram prudente para contextos arqueológicos definir território como a área que é habitada e explorada habitualmente. Assumem um padrão de territorialidade econômica onde existiria o território do sítio – área explorada por um único sítio – e o sítio de captação, uma área onde incursões ocasionais ocorrem na busca de matérias-primas específicas.

Seguindo essa mesma linha econômica, podemos remeter a Jarman (1972) e Dyson-Hudson e Smith (1978), que sob o enfoque da ecologia evolutiva colocam a territorialidade como estratégia de defesa de recursos econômicos, atribuindo aos humanos um comportamento territorial similar ao de outros mamíferos e tendo como principal fator de análise o custo ou a dificuldade de exploração, frente aos benefícios trazidos por isso.

Essas visões defendem uma idéia econômica ou então política para definir território, mas acreditamos que devemos buscar uma abordagem mais ampla e flexível para essa definição. Haesbaert (2004) reafirma que território tem sim uma relação com o poder, seja a forma com que tentemos definir esse território, porém não apenas com essa visão tradicional de poder. Para o autor, um território diz respeito ao poder tanto no sentido concreto de dominação quanto no de apropriação – sentido com o qual somos levados a pensar o lado simbólico do poder.

Um território é mais do que um espaço delimitado e ocupado, é o fruto da interação do homem com o meio, a projeção no espaço de suas relações sociais, simbólicas e afetivas (Souza, 1995; Haesbert, 2004). Contudo, um mesmo território pode abranger várias territorialidades, fazendo com que diferentes identidades possam entrar em conflito (Aresi, 2008).

A territorialidade é então constituída quando acontece a apropriação do espaço por um grupo, cujas razões mudam conforme a sociedade ou cultura, resultando num controle ou influencia sobre as pessoas, fenômenos e relacionamentos, e numa delimitação do acesso apenas a determinados indivíduos. Apresentam-se com isso identidades sendo construídas tendo como mediador o território e determinadas por suas forças culturais (Sack, 1986; Souza, 1995; Aresi, 2008).

## **1.6. Articulação dos Conceitos para a Problemática do Contato**

Simplificando a questão poderíamos colocar que estudos intersítios conformam um padrão de assentamento enquanto os estudos regionais um sistema de assentamento (Copé, 2006). Acreditamos que para se pensar a problemática do contato cultural é preciso, por consequência, primeiramente pensar em sistemas de assentamento. Sistemas de assentamento, que por sua vez, estão distribuídos em um dado território que pode, ou não, abranger diversas territorialidades e com isso diferentes identidades que entram em contato em algumas áreas, por variadas razões de interesse. Num caso com

grupos distintos, pode então existir também uma zona de fronteira cultural, com territorialidades compartilhadas no espaço de um mesmo território.

Essa pesquisa é em muitos aspectos favorecida por se tratar de um sítio que já sofreu mais de uma intervenção arqueológica, que se localiza em uma região com grande número de pesquisas arqueológicas realizadas e sobre as quais foram produzidas diversas publicações com análises de dados. Sendo assim, já podemos contar ao menos com definições sobre os padrões e sistemas de assentamento na região.

Podemos apontar um sistema de assentamento como a soma dos padrões de assentamento e como unidade básica desse padrão, o sítio e suas funções. Desta maneira, acreditamos que as evidências provenientes do sítio RS-AN-03 podem ser analisadas intra-sítio com profundidade – o que revela a distribuição espacial da cultura material nas estruturas que compõe o sítio permitindo uma comparação entre si. Com essa análise há como, sempre que possível, comparar e relacionar as evidências de contato cultural no sítio, com o sistema de assentamento ao qual ele faz parte, permitindo assim, um número maior de questionamentos.

## 2. O Sítio RS-AN-03 e seus Artefatos Cerâmicos

### 2.1. Caracterização e Descrição do Sítio

O sítio RS-AN-03 está situado no município de Bom Jesus, localizado no extremo nordeste do Rio Grande do Sul. Atualmente o sítio encontra-se dentro do perímetro urbano da cidade, na propriedade do Sr. Darci Grazziotin, ao lado do Parque Municipal Dona Leotídia. Sua localização geográfica posicionada com GPS é de 28° 40.405' Latitude Sul e 50° 25.445' Longitude Oeste.

A região é a dos Campos de Cima da Serra, com a vegetação típica de campos e floresta ombrófila mista, constituída principalmente por pinheiros brasileiros. As estruturas encontram-se dentro de um capão de mata de *Araucária augustifolia*, numa zona característica dos interflúvios da bacia do rio das Antas, que se encontra no alto do seu curso e que vem a formar os rios Taquari, Caí e Sinos. Geologicamente pertence à Formação da Serra Geral, com o relevo esculpido pela lava basáltica e altimetricamente a região de Bom Jesus oscila de 800 a 1378 m acima do nível do mar em uma área ecótone, apontada como rica em recursos naturais.

O sítio está em uma região de clima úmido moderado, com a temperatura média anual ficando em torno dos 17° C, sendo que no inverno ocorrem geadas e neve com certa frequência. A pluviosidade varia entre 1750 a 2000mm anuais e as chuvas se concentram na borda da escarpa devido a situação geográfica. Os meses mais chuvosos são janeiro, agosto e setembro, e os menos chuvosos abril, maio e julho. No verão e primavera predomina o vento Norte e no inverno os ventos Leste e Minuano.

O conjunto do sítio é formado por 5 diferentes estruturas, 4 semi-subterrâneas e um depósito de terra. As estruturas semi-subterrâneas receberam as denominações de Casa A, Casa B, Casa C e Casa D e seus diâmetros são respectivamente: 16,5 x 18 m, 5 x 4 , 7 x 6 e 7 x 6. O depósito de terra localiza-se em frente a essas estruturas e mede 31 x 13 m (Copé e Saldanha, 2002; Copé, 2006).

O sítio se encontra parte em um declive abrupto, parte em um declive suave. Na encosta de um morro com topo amplo, com um desnível de mais de 40m. Certamente acesso a recursos hídricos não era um problema já que se encontram pequenos córregos tanto a leste quanto a oeste, que distam não mais que 20m.

Nesses locais poderia se ter, além de acesso à água, a disponibilidade da argila necessária para a confecção de cerâmicas. Uma vez que na área existem diversos

afloramentos basálticos, o acesso à matéria-prima para instrumentos líticos era igualmente facilitado.

## 2.2. Antecedentes de Pesquisas e Trabalhos Realizados

A região de Bom Jesus foi primeiro trabalhada pelos pesquisadores Eurico Miller e Danilo Lazzarotto, no começo da década de 1970 (Ribeiro, 1994). Entretanto, o sítio em questão só se tornou objeto de pesquisas a partir da década de 1990.

O sítio RS-AN-03 foi pesquisado em dois momentos por diferentes equipes. A primeira intervenção ocorreu entre abril de 1991 e outubro de 1992, com a equipe do Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul, sob coordenação do arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Nesta campanha, em 3 das estruturas foram realizados cortes experimentais, sendo que uma delas foi inteiramente escavada. Posteriormente, entre os anos de 1999 e 2003, a equipe do NuPARq (Núcleo de Pesquisa Arqueológica, da UFRGS) também trabalhou neste sítio de maneira descontínua, tendo escavado parte da Casa A, toda a Casa C e realizado uma intervenção no aterro. Também foram realizadas sondagens nas áreas contíguas ao sítio (Copé e Saldanha, 2002).

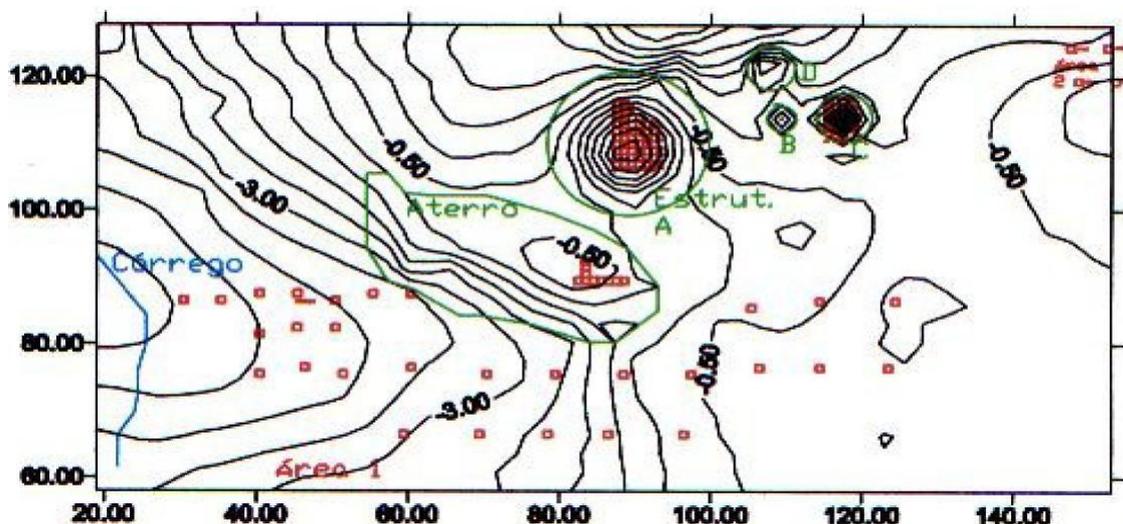


Figura 1. A imagem mostra uma planta altimétrica da distribuição e implantação das estruturas que compõe o sítio no relevo. Em verde estão delimitadas as estruturas e em vermelho as intervenções arqueológicas realizadas nas campanhas entre 1999 e 2003 pela equipe do NuPARq. Fonte: Copé (2006).

Infelizmente são poucas as documentações produzidas que permitam a obtenção de maiores detalhes sobre a primeira etapa de campo e elas se resumem basicamente as informações disponíveis para consulta no IPHAN – uma ficha com 3 páginas –, um relatório de atividades e um artigo publicado na Revista de Arqueologia da SAB (1994), que repete essas informações.

Sobre os procedimentos realizados em campo no sítio em questão sabe-se apenas que foram realizados cortes experimentais de 2x2 metros nas estruturas D e C e de 3x3 na estrutura A. A profundidade escavada nessas casas variou entre 89 e 135 cm. A casa B foi totalmente escavada. O artigo traz também a descrição geral do material, entretanto, não está dividido por sítios, e trata-se de uma descrição do material encontrado em todos os trabalhos realizados no município (Ribeiro, 1994). No entanto, para o estudo de contato cultural que aqui nos propomos, a informação de que foi encontrada uma vasilha da Tradição Tupiguarani no centro da casa C, a 1,10m de profundidade (ver anexo 1), permite-nos relacionar com os dados das escavações realizadas pela equipe do NuPARq e dessa forma associar com a estratigrafia da estrutura e com os demais fragmentos cerâmicos que são o foco dessa pesquisa.

Já para a segunda intervenção, coordenada pela arqueóloga Silvia Moehlecke Copé, foi adotada uma estratégia diferente de ação. Com base nos relatórios, é possível reconstituir que, primeiramente, se fez um registro fotográfico e documental das condições de conservação do sítio e depois se partiu para a recuperação das estratigrafias das escavações anteriores. Simultaneamente, foi realizado o levantamento planimétrico e topográfico da área do sítio, que gerou um croqui com a disposição das estruturas e sua implantação no relevo.

A fim de se identificar os limites entre paredes e piso, na casa A, foi aberta uma trincheira, com uma malha estendida longitudinalmente no sentido Norte/Sul, cobrindo as áreas onde Mentz Ribeiro havia aberto o poço-teste (ver anexo 3). Ao longo das temporadas em campo as escavações nessa estrutura foram expandidas e uma área de 28m<sup>2</sup> foi aberta no lado leste da trincheira original. As escavações seguiram a técnica de decapagem em camadas naturais.

Além da casa A, a casa C também foi escavada (ver anexo 2). A técnica de escavação adotada foi a mesma que a da casa A. Igualmente foi estendida a malha, delimitando a trincheira de Norte a Sul, trespassando o poço-teste de Mentz Ribeiro. Posteriormente a escavação foi expandida e a estrutura foi escavada em sua totalidade.

Durante o período chuvoso o trabalho nas estruturas semi-subterrâneas era impossibilitado e os trabalhos continuavam na forma de tradagens realizadas ao redor do sítio para identificar possíveis áreas de atividades e tentar uma possível delimitação da área. Da mesma maneira, foi trabalhada a área do aterro, sob o qual foi estendida uma malha em forma de “T”, composta por 11 quadrículas de 1x1m.

Amostras de sedimentos para análise, bem como carvões e amostras de solo em associação com cerâmica, foram coletadas para análises em laboratório ao longo de todo o período de escavação.

Ao todo foram coletados 3 fragmentos e uma vasilha inteira pertencentes a Tradição Tupiguarani. Esse material distingui-se das cerâmicas características que foram encontradas no sítio e que são classificados como pertencentes a Tradição Taquara. Isso nos remete a problemática do contato cultural a que nos propomos abordar nesse trabalho. Antes de prosseguir com a análise do material, contudo, acreditamos ser necessária uma caracterização em linhas gerais dessa tradição.

### **2.3. A Tradição Taquara**

A Tradição Taquara é definida pelos aspectos tecnológicos, formais e decorativos de sua cerâmica. Esta por sua vez é considerada altamente utilitária, para ser levada ao fogo, atestado pela localização em fogueiras e pela presença de fuligem. Composta por recipientes pequenos e de formas simples sem apêndices (Schmitz et al, 1988). Essas cerâmicas possuem em sua grande maioria pouca capacidade volumétrica, com formas globulares ou elípticas e que geralmente não ultrapassam 30cm de altura e 20cm de abertura. Para o tratamento de superfície das vasilhas, apesar da sua grande variação, pode apresentar um alisamento de grande qualidade que alcança um grau de polimento, podendo ocorrer brunidura. Na decoração plástica estão presentes ungulados, ponteados, incisos, beliscados e impressões de cestarias. A pintura é apresentada como um tratamento menos comum, sendo que quando ocorre se dá na forma de engobo vermelho (Rogge, 2004).

Produziriam artefatos líticos indispensáveis para trabalhar com a madeira, em sua maioria grandes e rudimentares (Beber, 2005; Copé, 2006).

Os sítios associados a essa tradição se encontram principalmente no planalto meridional, nas regiões altas, frias com vegetação de *Araucaria augustifolia*, mas

também são encontrados nas encostas e no litoral. Como o estudo de caso aqui apresentado se encontra no planalto não nos estenderemos para os demais casos.

As estruturas semi-subterrâneas, e construções em terra, como montículos e anéis são associadas a essa tradição. Para as regiões altas e frias as estruturas semi-subterrâneas poderiam ser uma forma de adaptação. Outro tipo de sítio associado são os sítios a céu aberto, superficiais.

Beber (2005) reúne uma série de dados arqueológicos na busca de um sistema de assentamento para os grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro. Para o caso dos sítios com as ditas casas subterrâneas fica evidente a sua implantação próxima aos topos dos morros, junto aos divisores de águas das grandes bacias hidrográficas, geralmente próximas às encostas, com o declive do terreno ajudando na drenagem.

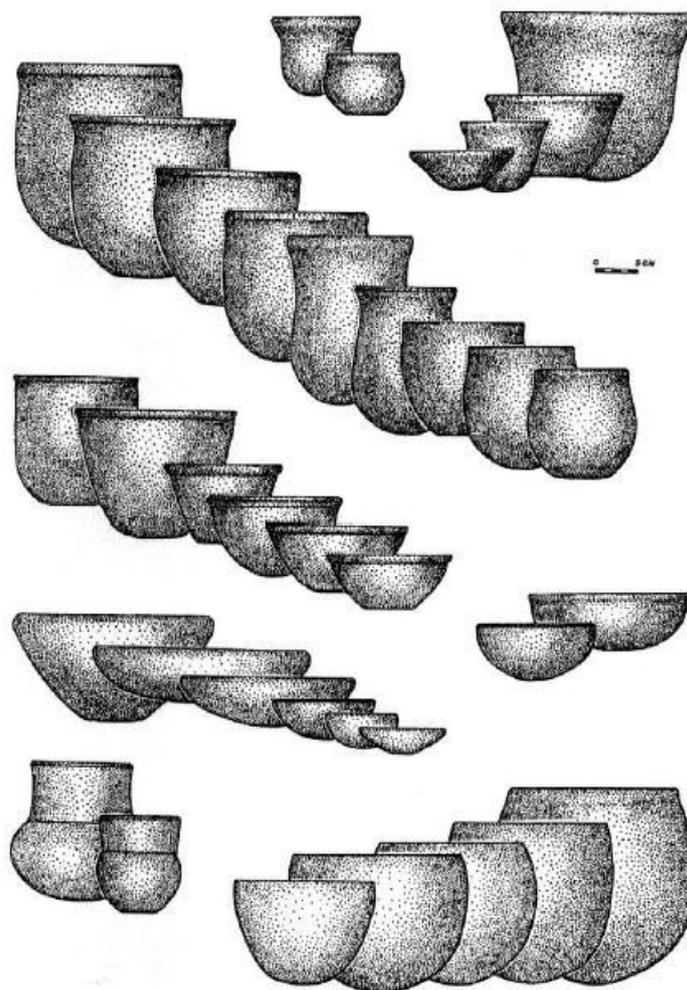


Figura 2. A imagem reúne as formas mais comuns dos vasilhames cerâmicos Taquara apresentado por Schmitz e Basile Becker (1991).

Já nos sítios superficiais, chamados litocerâmicos, se encontram artefatos líticos e cerâmicos e cuja proximidade com os assentamentos de casas subterrâneas faz supor a existência de um sistema mais amplo, associado com as estruturas subterrâneas (Copé; Saldanha; Cabral, 2002).

O pinhão seria um recurso importante na dieta desses grupos, mas além do pinhão a mata de araucária também abriga uma série de aves e animais. Isso faria com que uma população pudesse ser sustentada durante todo o ano, mesmo que de maneira mais precária durante o verão quando a abundância seria menor. Essa dieta possivelmente seria complementada pela prática da horticultura (Rogge, 2004; Beber, 2005).

São identificadas 8 diferentes fases para a Tradição Taquara: Guatambu, Taquara, Caí, Erveiras, Guabiju, Xaxim, Taquaraçu e Girua. Levando-se em conta a localização do sítio RS-AN-03 e as características do material arqueológico, podemos classificá-lo como pertencente à fase Guatambu (Copé, 2006).

Apesar de algumas indicações que liguem os portadores da Tradição Taquara aos atuais Kaingáng essa é uma relação que ainda gera certas divergências. Igualmente existe uma discussão sobre a possibilidade de englobar as Tradições Itararé e Casa de Pedra sob a mesma Tradição Taquara, mesmo que certos elementos dessas cerâmicas apresentem diferenças. Tem como principal argumento a semelhança de habitat e a coincidência de a área ser ocupada pelo grupo etnográfico Kaingáng e Xokleng à época da conquista (Rogge, 2004; Copé, 2006).

#### **2.4. O Material Cerâmico**

Esse trabalho se propõe a analisar a questão do contato através das evidências cerâmicas. A cerâmica é só um dos elementos culturais de um grupo, portanto, não deve ser usada como único fator para que se realize o descarte da hipótese de contato, todavia, acreditamos que possa ser um, entre outros indícios para diagnosticar esse tipo de situação.

Todo o material cerâmico proveniente das escavações realizadas no sítio RS-AN-03 foi analisado na época e hoje compõe um banco de dados que permite um tratamento estatístico e comparativo de múltiplas variáveis baseadas em atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos.

Aqui apresentamos os dados referentes à análise do material cerâmico proveniente das estruturas A e C, num total de 337 fragmentos – 214 da primeira e 123 da segunda. Essa análise compreende além do material coletado pela equipe do NuPARq, o material coletado pela equipe do CEPA da Universidade de Santa Cruz do Sul, para dessa forma assegurar uma uniformidade do padrão de análise. Desses fragmentos 1 da estrutura A, e 3 da estrutura C – sendo um uma vasilha inteira – são da Tradição Tupiguarani. Todos os demais foram classificados como pertencentes a Tradição Taquara. Justamente por se ter coletado, nessas duas estruturas, material pertencente a uma tradição que não a esperada para o assentamento, elas serão o foco de análise.

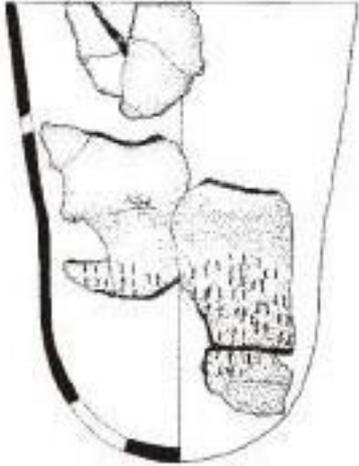
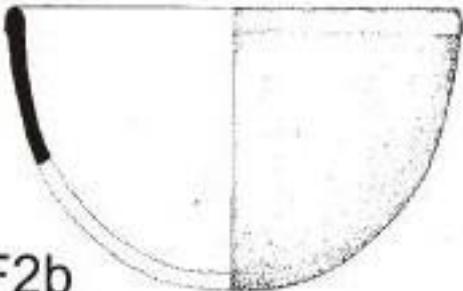
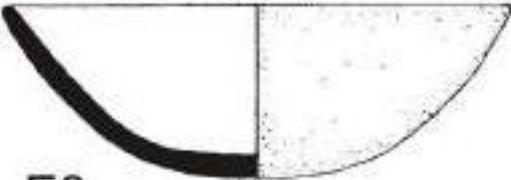
A metodologia de análise adotada é exposta nos relatórios das atividades de campo e relatório, e tomou como unidade básica o vaso cerâmico – ou o vasilhame cerâmico reconstituído a partir de seus fragmentos – levando em consideração a relação que atributos morfológicos e tecnológicos mantêm entre si. A forma dos vasilhames foi priorizada como característica mais útil para uma análise sócio-cultural (ARNOLD, 1988). Para isso fragmentos que permitem o estudo das formas são selecionados.

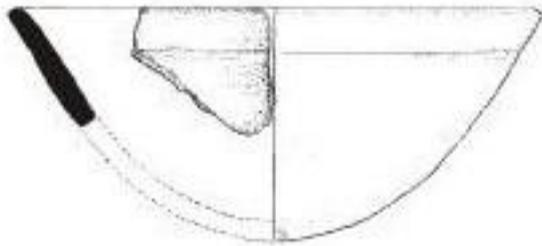
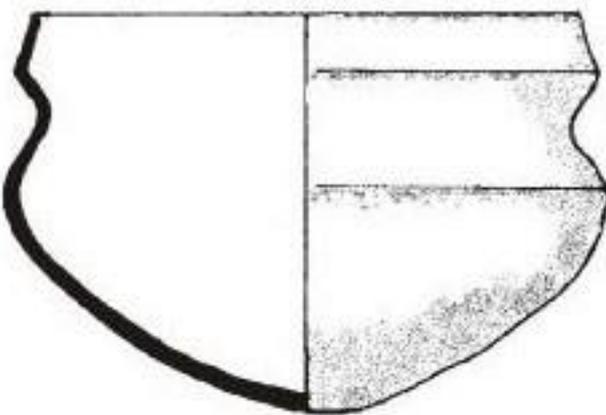
Igualmente foi feita uma seleção de atributos – técnica de manufatura, antiplástico, espessura dos fragmentos e queima – para que pudessem ser observadas características tecnológicas dos artefatos (Arnold, 1988; Rye, 1981; Rice, 1987; Shepard, 1956; Sinopoli, 1991). Com base nessas características foi buscado estabelecer o Número Mínimo de Vasilhas (NMV) encontradas em cada uma das estruturas.

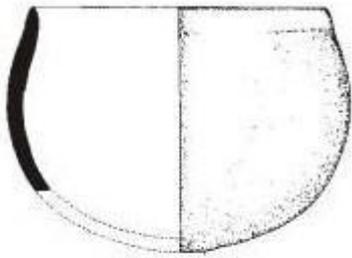
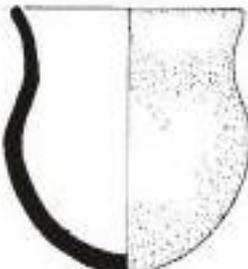
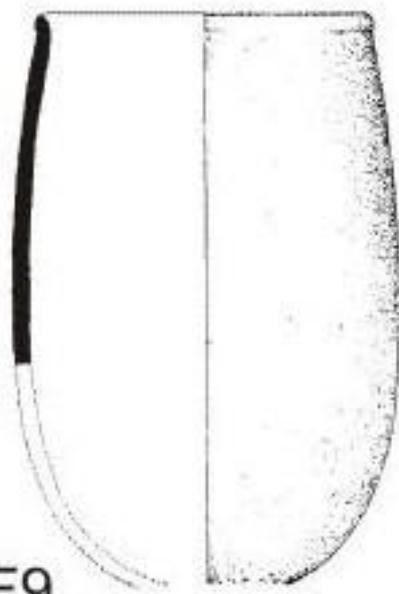
Por fim, buscou-se identificar a função das vasilhas tendo por base características morfológicas, bem como algumas características como espessura e pasta, marcas de uso (Rice, 1987; Braun, 1983; Hally, 1986).

Todos os resultados das análises estão presentes na tese de doutoramento de Copé (2006). Aqui apresentaremos uma síntese de alguns desses dados, na forma de uma tabela com a reconstituição das formas dos vasilhames encontrados nessas duas estruturas. Como o nosso foco é pensar como essas evidências podem ser pensadas em relação à problemática do contato cultural – que será desenvolvido no próximo capítulo – não nos prolongaremos aqui na descrição. Essa abordagem, entretanto nos permitirá uma breve articulação dos dados, apresentando uma noção geral das características desse material. As reconstituições das formas, bem como a maior parte das considerações, foram retiradas de Saldanha (1999) e Copé (2006).

Para a estrutura A, foi identificado um NMV de 32 vasilhas, enquanto para a estrutura C esse número foi de 19. Em ambas as estruturas predominou a técnica de manufatura roletada, 95% e 83% respectivamente.

<b>Formas</b>	<b>Estruturas e Descrição</b>
<p>F1</p> 	<p>Encontrado nas estruturas A e C.</p> <p>Vasilha não restringida independente de forma cônica. Apresenta um ponto de inflexão abaixo da metade do vasilhame. Confeccionado com a adição de roletes. Características morfológicas e marcas de uso sugerem que era utilizado para cozinhar alimentos. Os restos no interior dos fragmentos indicam que os alimentos deveriam ser sólidos.</p>
<p>F2a</p> 	<p>Encontrado nas estruturas A e C.</p> <p>Vasilha não restringida simples de forma esférica, com paredes altas e abertura pequena. Possível utilização para servir líquidos.</p>
<p>F2b</p> 	<p>Encontrado nas estruturas A e C.</p> <p>Vasilha não restringida, de forma esférica, paredes altas e abertura grande. A presença de fuligem indica que fosse usada na preparação de alimentos.</p>
<p>F3</p> 	<p>Encontrado nas estruturas A e C.</p> <p>Vasilha não restringida, de forma elipsóide e com paredes baixas. Possível utilização no processamento de alimentos.</p>

 <p>F4</p>	<p>Encontrado nas estruturas A e C.</p> <p>Vasilha não restringida simples, de formato cilíndrico. Provavelmente utilizado para o processamento de pequenas quantidades de alimentos. Foram encontrados alimentos carbonizados no interior e marcas de fuligem na parede exterior.</p>
 <p>Tupiguarani</p>	<p>Encontrado na estrutura C. As características morfológicas, estilísticas e tecnológicas permitem identificar o fragmento como parte de um vasilhame da Tradição Tupiguarani. 22cm de diâmetro e com superfície polida. Etnograficamente conhecido como Ñaetá, caracterizado como uma tigela baixa para servir alimentos (Brochado, 1977).</p>
 <p>Tupiguarani</p>	<p>Encontrado na estrutura C. Trata-se do vasilhame recuperado inteiro pela equipe de Mentz Ribeiro. Tanto sua forma quanto técnica de confecção indicam ser da Tradição Tupiguarani. Com antiplástico arenoso, porém sem grãos triturados. Uma forma complexa, com pintura vermelha sobre branco. Diâmetro de 20cm. Conhecido como Cambuchi, eram usadas para preparar bebidas alcoólicas, mas também para armazenar água. (Brochado, 1977, 1988). A camada de fuligem no exterior foi interpretada como indicação que teria sido utilizada no preparo de alimentos e não em sua função original.</p>

 <p data-bbox="367 577 598 627">Tupiguarani</p>	<p data-bbox="949 241 1444 683">Encontrado na estrutura A. As características morfológicas, estilísticas e tecnológicas permitem identificar o fragmento como parte de uma vasilha Tupiguarani. É um vasilhame fundo, com borda introvertida e angular. Diâmetro de 26cm, com superfície alisada. Apresenta marcas de uso que indicam seu uso no preparo de alimentos.</p>
 <p data-bbox="391 1030 470 1086">F8</p>	<p data-bbox="949 795 1444 1131">Encontrado na estrutura A. Vasilha não restringida independente de borda expandida com forma ovóide. Geralmente vasilhames dessa forma são usados para armazenar líquidos e a ausência de marcas de uso apóia essa teoria.</p>
 <p data-bbox="383 1780 462 1836">F9</p>	<p data-bbox="949 1254 1444 1836">Encontrado na estrutura A. Vasilhame restrito simples de forma ovoidal. Representado por uma vasilha de 19 cm de diâmetro, confeccionada por roletes. A ligeira constrição da abertura ajuda na contenção de líquidos e da perda por evaporação ou derramamento. Isso somado a espessura fina da parede, bem como marcas de fuligem parecem indicar que sua função era a de preparar alimentos.</p>

### 3. O Contato Cultural para o Caso do Sítio RS-AN-03

#### 3.1. Contextualização das Evidências

Do universo de 337 fragmentos cerâmicos coletados nas casas A e C, 4, por serem da Tradição Tupiguarani, serão agora contextualizados para ver se realmente podemos tomá-los como evidência de contato cultural. Lembramos que o fato do material, tanto de uma, quanto de outra tradição cerâmica, ocorrerem juntos não é, necessariamente, um indicador de interações entre indivíduos dos grupos portadores. É preciso que a associação seja direta, relacionada de maneira sincrônica com a mesma ocupação (Robrahn, 1996; Rogge, 2004). Para tal é preciso uma análise da estratigrafia do depósito arqueológico de onde esse material é proveniente.

Destas 4 evidências, 1 dos fragmentos provêm da casa A, enquanto o vasilhame inteiro e os outros 2 fragmentos, da casa C. Infelizmente, não nos foi possível associar o fragmento coletado na casa A com seu devido contexto estratigráfico, de modo que nos centraremos nesse momento apenas nas evidências da casa C, onde esse trabalho foi possível.

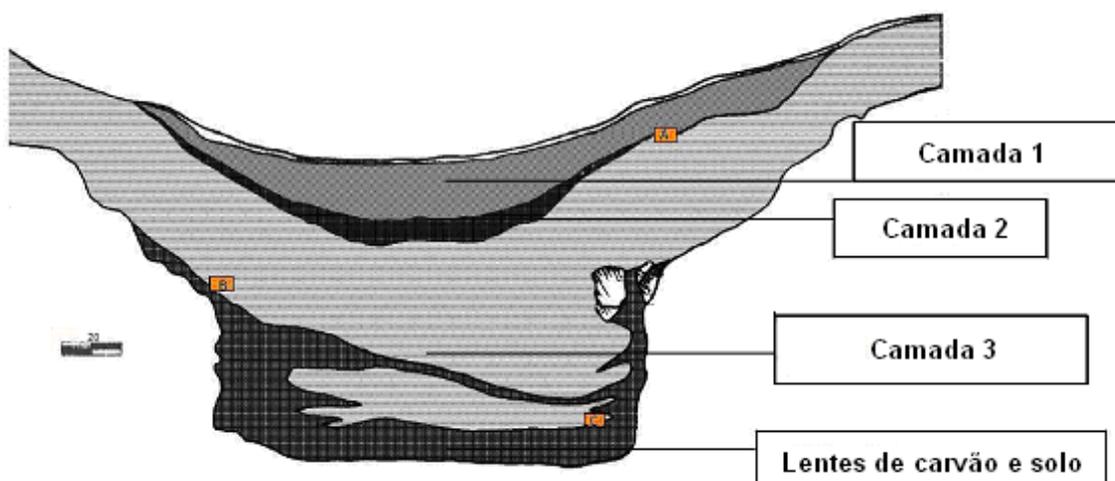


Figura 3. A imagem mostra o perfil Leste da estrutura C. As respectivas camadas estão indicadas por setas. Indicados pelos retângulos com as letras A, B e C estão os locais de onde provém o carvão que foi datado.

A primeira camada corresponde ao entulho da casa e é composta de sedimento argiloso bastante perturbado por raízes de árvores. Possui uma espessura de 95 cm e foram encontrados de maneira dispersa fragmentos cerâmicos e líticos e que não

correspondem a uma camada de ocupação, e são apontados por Copé (2006) como depositados após o abandono da estrutura, sendo provenientes das imediações e tendo parado na camada durante o seu preenchimento natural. Aos 95 cm começam as evidências da queima do madeirame que compunha o telhado.

A segunda camada tem uma espessura máxima de 15 cm. Nela se encontram fragmentos líticos e cerâmicos dispersos. Encontram-se igualmente restos carbonizados de troncos, provenientes das estruturas que sustentavam o telhado.

No nível entre 80-90 cm foi coletado material para datação radiocarbônica. Essa coleta está representada na imagem pelo retângulo com a letra A. A data obtida foi de 80 +/- 50 AP, e é atribuída possivelmente a uma contaminação do carvão antes da coleta.

A terceira camada corresponde à camada de ocupação da estrutura. Começa a 1,10 m abaixo da superfície atual da estrutura. Foi identificado um longo período de ocupação devido a espessura da camada na parte central chegar a 1,30 m. Foram encontrados fogueiras, restos de carvão, aglomerados de pedra que foram indicados como parte da estrutura de apoio das vigas do telhado, e a maior parte dos objetos líticos e cerâmicos.

Com a amostra representada na imagem pelo retângulo com a letra B, coletada no nível 120-130 cm, obteve-se uma datação de 550 +/- 40, o que revela uma grande diferença se comparado com a da A e confirma a contaminação da primeira. Já com a amostra representada pela letra C, coletada no nível 180-200 cm, obteve-se 2180 +/- 40 AP, e apesar de ser única e precisar de maior investigação indica uma ocupação antiga do sítio (Copé & Saldanha, 2002).

O solo natural nessa estrutura é formado por basalto decomposto amarelado e ela foi escavada até que se alcançasse um substrato castanho acinzentado, típico do terreno do sítio e arredores.

Feita uma caracterização geral da estratigrafia da casa C podemos agora contextualizar o material em questão.

O vasilhame inteiro coletado pela equipe de Mentz Ribeiro, em 1991, estava no centro dessa estrutura, a 1,10 m de profundidade. Com isso podemos localizá-lo no topo da camada 3, que é a de ocupação. Podemos igualmente afirmar que os outros dois fragmentos de vasilhames Tupiguarani estavam na camada de ocupação, mesmo que não possamos precisar exatamente a que profundidade, esta era em um nível entre 1,10 e 1,40 m. Sendo assim, ambas as evidências estão em uma camada não perturbada.

Entretanto, é preciso fazer uma observação. Como apontam Copé e Saldanha (2002), a maior concentração de artefatos estava nos 30 primeiros centímetros dessa camada, sendo poucos os encontrados abaixo disso. Isso foi interpretado como resultado da limpeza constante no período da sua primeira ocupação. Dessa maneira, as evidências mais abundantes – e que incluem nossos artefatos problema – podem ser resultado de uma reocupação posterior dessa estrutura, e a sua presença no registro arqueológico se deveria ao fato de ser seguida pelo abandono da casa.

Assim, se tomarmos essa associação de cerâmica Taquara e Tupiguarani, dentro dessa estrutura e numa camada não perturbada, como evidências suficientes para apontar um caso de contato cultural entre indivíduos dos dois grupos, ele teria se dado em um período mais recente e próximo da época do abandono do sítio. Essa ocupação teria se dado por volta de 550 +/- 40 AP, tomando por base a datação obtida para essa camada. Como não encontramos relatos comprovados de Tupiguarani reocupando as casas subterrâneas, que são estruturas típicas dos grupos Taquara, podemos então supor que estaria ocorrendo alguma forma de interação entre esses grupos.

Tomando que essas evidências constituam um caso de contato cultural buscaremos na bibliografia algumas situações e considerações significativas relativas ao contato para entender como esses dados foram interpretados. Como já apontamos anteriormente, nosso foco aqui recai sobre casos onde ocorre a associação direta de diferentes tradições, porém explicações que trabalhem com adoção de traços estilísticos serão igualmente abordadas. Com essa abordagem buscamos uma aproximação com exemplos que possam contribuir para o entendimento do estudo de caso aqui proposto.

### **3.2. Refletindo sobre o Contato entre Populações Taquara e Tupiguarani**

Em 1969, Piazza realiza trabalhos na margem direita do rio Uruguai no município catarinense de Itaparinga. Ele encontra tanto cerâmicas Tupiguarani quanto Taquara, os primeiros com assentamentos nas zonas de várzea e nos terraços mais baixos enquanto os segundos, nas regiões mais elevadas e afastadas do rio. Esse mesmo tipo de associação dessas cerâmicas é constatado também por De Masi & Artusi (1985) e por Carbonera (2008) nessa região. Isso foi interpretado como uma associação entre as populações da Tradição Taquara/Itararé nas fronteiras de seu território com grupos pertencentes a outras tradições tecnológicas e culturais (Schmitz 2009 et al). Piazza (1969), levanta a hipótese de que esse tipo de situação poderia ser resultado de trocas

entre os dois grupos, caso esses fossem contemporâneos, ou então, uma reocupação, porém reconhece que as evidências para se aceitar ou recusar qualquer uma delas é insuficiente.

Retomando o caso já apresentado no capítulo 1, do vasilhame inteiro encontrado no interior de uma casa subterrânea, em Caxias do Sul. Este é um exemplo interessante para esse estudo, não só porque temos uma situação similar em Bom Jesus, mas também, porque contatos entre os Tupiguarani e os Taquara no planalto não são tidos como frequentes, quando comparados com os sítios das encostas ou então do litoral. O caso foi explicado como sendo resultado de um período em que ambas as populações já estariam em convivência e é usado para apoiar a idéia de uma economia vertical para as populações Taquara, que já vivendo regularmente com os Tupiguarani no litoral, regressariam para o planalto em companhia destes para coletar pinhão durante os meses de inverno (Schmitz et al, 1988). Os autores sugerem que os Taquara foram levados para junto dos Tupiguarani e não o contrário. A interação seria resultado da necessidade de complementação da economia, já que as áreas propícias para a horticultura, nas áreas mais baixas do vale, estariam restringidas pela ocupação Tupiguarani. Esta, no entanto, parece ser uma hipótese baseada em um modelo geral, mas que carece de evidências que possam sustentá-la, especialmente quando pretendemos explicar um caso específico.

Os casos levantados pelo nosso principal referencial para o caso do Rio Grande do Sul –Rogge (2004) – indicam a Tradição Tupiguarani como denominador comum do contato cultural entre as tradições ceramistas. Isso é apontado pelo autor como o movimento de expansão para outras áreas, necessário para resolver o problema da pressão populacional.

Os sítios Tupiguarani são encontrados no estado, ao longo das bacias do Uruguai e Jacuí, e se estendem para a Serra do Sudeste e para a Planície Costeira. Seu movimento de colonização é caracterizado pela busca dos vales mais férteis, em sentido de oeste para o leste (Rogge, 2004). Quer adotemos o modelo defendido por Schmitz (1991) que defende que o ponto de partida desse grupo foi o sudoeste, quer o de Brochado (1984), que defende o ponto inicial como sendo a Amazônia Central, esse grupo chegaria ao estado por volta de A.D. 475+/-80 e termina seu movimento entre os séculos XVII e XVIII, devido a chegada dos colonizadores europeus (Schmitz e Brochado, 1982).

Com base no levantamento de informações sobre contato cultural, Rogge (2004) aponta que a maior parte dos autores parece concordar que o contato entre os Tupiguarani e os Taquara se deu em um período tardio, ou até mesmo histórico, sendo que os primeiros teriam se dado por volta dos séculos XVI e XVII AD.

Schmitz e Brochado (1982), valendo-se de uma proposta para a classificação de situações de contato cultural expostas por Lathrap (1956), apontam algumas idéias sobre as interações entre as Tradições Tupiguarani e Taquara. Para eles, apesar das duas terem se mantido com características distintas por muitos séculos, ocorreria uma retenção de identidade cultural com a intrusão de pequenas modificações nas características cerâmicas e, a partir da troca, ou comércio, poderia ocorrer a adoção por cópia de alguns traços tanto técnicos quanto decorativos.

Esse modelo serve como ponto de partida para tentarmos entender um caso onde sejam encontradas evidências de uma cerâmica que mescle elementos estilísticos de ambas as tradições. No entanto, para um caso de associação direta de material, como é o caso do sítio RS-AN-03, podemos testar a hipótese de troca; já averiguar se o vasilhame trata-se de uma cópia seria uma questão muito mais complexa. Mentz Ribeiro (1994) avaliando o movimento de expansão Tupiguarani pelo Alto Uruguai, afirma que a forma exata com que esses contatos teriam ocorrido é ignorada. Sugere a possibilidade de, em movimentos sazonais, os Tupiguarani se deslocarem até áreas próximas ao planalto – as quais identifica como zonas neutras – para coletar pinhão. Após abandonarem seus acampamentos os Taquara levariam, então, os vasilhames podendo passar a reproduzi-los por cópia pelas mulheres do grupo. Essa é uma teoria, que de certa forma, nos leva a refletir sobre a discussão desenvolvida no primeiro capítulo, sobre diversas territorialidades que podem estar contidas em um mesmo território.

Questão igualmente complexa seria avaliar uma situação em que ocorresse a troca de mulheres, ou rapto, como sugere, por exemplo, Mentz Ribeiro (1994). Essas mulheres poderiam continuar reproduzindo seu próprio estilo cerâmico usando antiplástico existente no local. Isso seria uma marca de identidade cultural, uma vez que estariam inseridas em um sistema sociocultural que não o delas – situação que novamente nos aproxima das idéias defendidas por Barth (1997) sobre identidade e fronteiras étnicas. Rogge (2004), apesar de reconhecer que essa pode ter sido uma possibilidade concreta, mantém a hipótese com base em estratégias de defesa territorial e de zonas de fronteira que teria envolvido, de diversas maneiras essas populações.

Certamente é uma alternativa para explicar porque estaria acontecendo esse contato, mas novamente esbarramos na dificuldade em estabelecer, tendo por base o registro arqueológico, como isso teria se dado.

### **3.3. O Caso do Sítio RS-AN-03**

Levando em consideração todas as reflexões, questionamentos, ressalvas e hipóteses vistas até agora, buscaremos por fim uma caracterização de como esse contato cultural pode ter se dado para o estudo de caso aqui apresentado.

Como procuramos demonstrar no tópico anterior, é extremamente difícil identificar, tendo por base apenas dados da análise cerâmica, se o vasilhame se trata de uma cópia ou se está sendo confeccionado por um indivíduo de outro grupo inserido na comunidade. Para tal, precisariam ser elaboradas estratégias metodológicas distintas. Tendo em vista essas limitações e as questões a que nos propomos, não abordaremos essa possibilidade, uma vez que as informações de que dispomos não nos permitem a afirmação de um processo cultural tão específico. Temos, todavia, como analisar comparativamente as propriedades referentes a pasta dos vasilhames.

Tanto amostras do solo, quanto amostras de alguns dos fragmentos cerâmicos coletados, foram enviadas para análise difratométrica. A difratometria é um processo que permite a caracterização microestrutural de materiais cristalinos e é usada em diferentes campos da ciência (Kahn, s.d.). Sabe-se que qualquer argila pode ser usada para a fabricação da cerâmica, porém cada argila é composta por variedades e porcentagens minerais diferentes de acordo com a sua origem, e suas capacidades estruturais regulam muitas das escolhas tecnológicas do artesão (Herz & Garrison, 1998). Para o caso das amostras aqui selecionadas serviu para a identificação dos minerais que compõe as amostras cerâmicas na tentativa de identificar se a argila era proveniente do mesmo lugar. Foram submetidos a esse teste diferentes fragmentos, encontrados nas estruturas A, C e na área externa. Recordamos os motivos para que uma contextualização das evidências fosse feita na estrutura C. Para tentar demonstrar uma contemporaneidade dos fragmentos das duas tradições era preciso fazer uma clara associação entre a cerâmica, as camadas estratigráficas e sua datação; essas condições foram atendidas pela estrutura C. O mesmo não foi conseguido para o caso da estrutura

A. No entanto, para a análise de difratometria, apresentamos dois fragmentos cerâmicos provenientes desta estrutura; um classificado como Taquara e o outro é o único classificado como Tupiguarani encontrado lá.

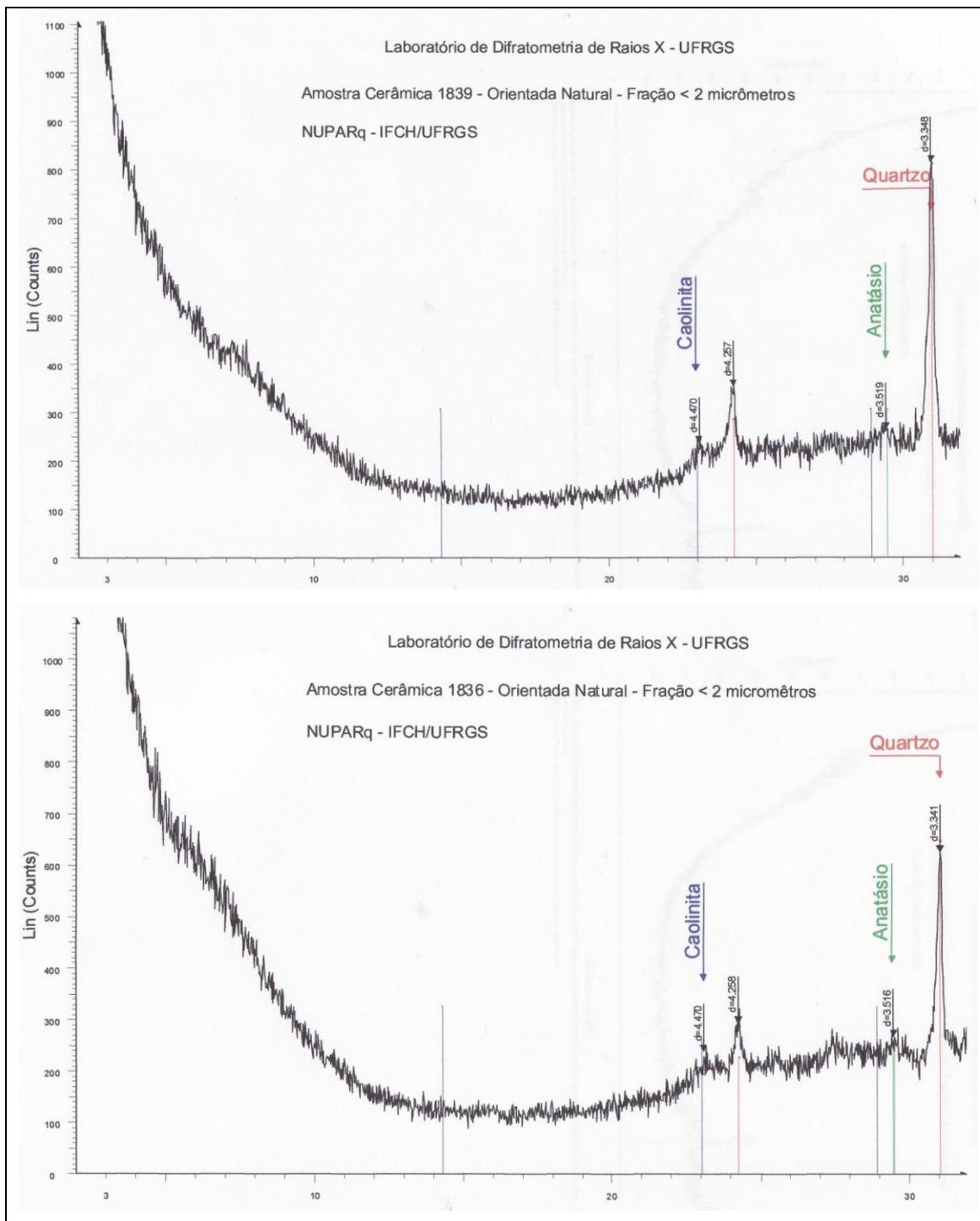


Figura 4. O gráfico superior é da amostra cerâmica classificada como Taquara e o inferior a Tupiguarani.

A análise da cerâmica Tupiguarani e Taquara não apresenta grande diferença em relação a composição mineral dos fragmentos. Quartzo é predominante em ambas as amostras com 43% e 57%. Caolinita está presente com 33% e 29% e por fim Anatósio com 24% e 14%. Ambas as amostras possuem os mesmo elementos e em porcentagens muito semelhantes, se considerarmos que mesmo que a argila seja retirada da mesma fonte apresentará uma variação. Estas são igualmente as propriedades encontradas na argila da vizinhança do sítio e daquela região do planalto. As demais amostras são todas de cerâmica típica Taquara e os resultados apresentam variação muito aproximada com os apresentados.

Essa comparação de resultados nos permite descartar com certeza a hipótese de que o artefato seria proveniente de comércio de bens entre os dois grupos. Claro que essa é uma afirmação válida apenas para o artefato que foi analisado e não podemos dizer o mesmo para os demais. Contudo, o resultado de apenas um dos artefatos nos permite assegurar com base real das evidências que cerâmica com características Tupiguarani estavam sendo confeccionadas com argila da região do sítio, se por cópia ou por um indivíduo Tupiguarani não temos como precisar. Essa confirmação serve de base para que, retomando exemplos do tópico anterior, descartemos, além de comércio a hipótese apresentada por Mentz Ribeiro (1994), de que os Taquara estariam se apropriando de cerâmicas de assentamentos Tupiguarani, que se situariam em regiões da encosta. Este procedimento permitiu igualmente que se corrigisse um dado de análise laboratorial macroscópica, que indicava que a argila seria proveniente de outra região.

Com a análise granulométrica dos fragmentos foi possível que se observassem os grãos de quartzo arredondados e que são típicos de sedimentos aluviais. Esse foi um procedimento que confirmou os resultados da análise macroscópica feita em laboratório, a de que esses grãos estavam sendo adicionados sem um tratamento prévio. Entretanto a caracterização total dos minerais presentes na argila usada para a confecção dos vasilhames só foi possível através da difração de Raio-X (Copé, 2006).

Se tomarmos este sítio como um caso de contato cultural seria interessante ainda fazer considerações a respeito de uma última característica apresentada pelo vasilhame que foi encontrado inteiro no interior da casa C: havia fuligem na parte externa dele, e ele havia sido encontrado numa fogueira (Ribeiro, 1994). A utilização desse tipo de vasilhame pintado para o cozimento é tida como estranha pelas informações de que dispomos e é um fato apontado pelo arqueólogo. Novamente esta é uma questão que não nos permite precisar nada, e qualquer afirmação de nossa parte seria uma mera

especulação, sendo que algo que nos propomos nesse trabalho foi justamente o contrário; verificar até que ponto podemos identificar situações de contato, e como elas se deram, com base na análise dos vestígios arqueológicos da cerâmica. O questionamento se essa vasilha estava sendo usada pelos Taquara, ou então pelos Tupiguarani mas com uma função diferente da sua original fica em aberto. Àqueles a quem essa possa ser uma questão de interesse acrescentamos uma observação: esse vasilhame foi descrito como encontrado em uma fogueira e com marcas de fuligem. Mas ao mesmo tempo se encontrava na parte superior da camada 3, com isso estava no limite da camada parcialmente carbonizada do madeirame proveniente do telhado da estrutura. Não poderiam essas evidências terem sido mal interpretadas como uma fogueira? E a interpretação de que teria sido usado para cozinhar alimentos tendo por base apenas as marcas de fuligem, e não uma análise do interior do vasilhame, estaria correta ou poderiam ser marcas de fuligem causadas pela queima do telhado?

Com as informações obtidas pela análise estratigráfica, bem como com a datação da camada de ocupação com a qual o material está associado, podemos supor que esse contato se deu por força da própria pressão do movimento de expansão dos Tupiguarani. Essa afirmação está de acordo com o modelo que sugere que esse deslocamento teria se dado somente em períodos mais recentes para a região da nossa área de estudo. É corroborada pela data de 550 +/- 40 AP, obtida a partir da amostra de carvão coletada no mesmo nível que o material arqueológico e que mostra que a ocupação que demonstrou contato entre as duas culturas se deu no período final do uso da estrutura. A análise estratigráfica das escavações realizadas no depósito de terra, revelaram que seu processo construtivo é inverso ao das casas, sendo assim ele é resultado do acúmulo de terra retirada quando da construção das estruturas semi-subterrâneas. Com a análise do solo e pela quantidade de carvão encontrada, foi possível identificar e datar o início da construção da Casa C, no ano 1000 AP – uma datação que não é colocada em dúvida como aquela encontrada no começo da camada 3 (Copé, 2006). Dessa forma, esse contato estaria ocorrendo no período final e após quase 500 anos de ocupação dessa estrutura.

Tendo também por base dados referentes às escavações arqueológicas que estão sendo realizadas no município de Pinhal da Serra, sabemos que nos sítios daquela área ainda não foram encontradas evidências de contatos culturais entre as duas tradições. Pensando no modelo de expansão Tupiguarani de Oeste para Leste, estes teriam chegado primeiro naquela área do que na de Bom Jesus. Dessa forma, nos parece que

esse processo de interação com as populações Taquara não se tratou de um fenômeno regional, mas sim local. Entretanto, não temos informações suficientes para afirmar quais seriam os determinantes para que isso ocorresse, nem mesmo para nos aventurarmos em uma explicação sobre a forma com que isso se deu no caso do sítio RS-AN-03.

## Considerações Finais

Acreditamos ter cumprido com os objetivos aos quais nos propomos neste trabalho, mesmo que, boa parte das idéias apresentadas não passem de questionamentos que só poderão ser respondidos com uma quantidade maior de pesquisas e com mais estudos sobre a temática do contato cultural.

Demonstramos que, a análise da cerâmica e do seu contexto arqueológico, fornece uma alternativa para o estudo de contatos culturais entre populações pré-históricas. Todavia, esse é um estudo que dependerá em grande parte da qualidade dos registros de campo, sem os quais uma pesquisa com esse objetivo fica seriamente comprometida ou, até mesmo, é inviabilizada. E também do tipo de metodologia de análise empregada. Nesse sentido, apresentamos uma série de abordagens que podem ser utilizadas para responder questionamentos específicos.

De acordo com os procedimentos de análise adotados em laboratório, a cerâmica, entendida como uma das manifestações materiais da cultura de um grupo, pode fornecer importantes respostas no que diz respeito a contatos e interações com outros grupos. As respostas porém, serão limitadas. Compreender esses limites é o passo inicial, para evitar que as explicações passem a ser hipóteses que não podem ser comprovadas. Essas respostas são limitadas porque a fonte é limitada. A cerâmica é apenas uma, entre tantas outras evidências, que podem ser usadas para esse tipo de pesquisa. Encontrar outros indicadores é algo que se faz necessário caso se busque respostas mais profundas sobre a natureza desse processo. Mesmo que neste ponto não tenhamos avançado muito, devido as proporções deste trabalho e a limitações de tempo, acreditamos que, ao menos em parte, conseguimos suprir essas limitações por meio das relações que pudemos estabelecer com o contexto que o material foi encontrado.

Apresentamos aqui uma discussão sobre diversos conceitos e noções que podem ser úteis a esse tipo de pesquisa, e que ajudam a pensar as populações humanas, seu comportamento e movimentos. São discussões que fazem sentido quando saímos apenas do sítio estudado e passamos a procurar situações similares e a fazer comparações com outras regiões e a cruzar as hipóteses na busca de identificar ou descartar alguma delas.

Não temos a pretensão de ter esgotado o tema e os questionamentos que ainda podem ser feitos sobre o contato cultural para o caso do sítio RS-AN-03, mas temos a convicção de que demos um primeiro passo para entender como esse processo teria

ocorrido, e que ele já não nos é mais tão vago e incerto do que era, quando começamos a pesquisa.

### Referências Bibliográficas

ARESI, Cláudia. “O território como suporte identitário para a cultura Kaingang”. In: *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária*, v.3, n. 5, p. 264-279, 2008.

ARNOLD, D. *Ceramic Theory and Cultural Process*. New York/London: Cambridge University Press, 1989.

BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BEBER, Marcus Vinicius. “O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé”. In: *Documentos*. São Leopoldo, n. 10, 2005, p. 5-117.

BRAUN, D. “Pots as Tools”. In: *Archaeological Hammers and Theories*. New York: Academic Press, 1983.

BROCHADO, José P. “Alimentação na Floresta tropical”. In: *Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, n 2, IFCH, UFRGS, 1968.

BROCHADO, José P. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South América*. Tese de Doutorado. Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984.

CARBONERA, M. *A Tradição Tupiguarani no Alto Uruguai: Estudando o “Acervo Marilandi Goulart”*. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: UNISSINOS, 2008.

CHANG, K. C. *Nuevas perspectivas en arqueología*. Madrid: Alianza, 1976

COPÉ, Silvia Moehlecke. *Escavações Arqueológicas no Sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS*. Relatório do Trabalho de Campo. 1999.

COPÉ, Silvia Moehlecke. *Novas Escavações Arqueológicas no Sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS*. Segundo Relatório do Projeto Pré-História do Planalto Sul-Riograndense: Estudos de Paisagens Arqueológicas em Bom Jesus e São José dos Ausentes, RS. 2001

COPÉ, Silvia Moehlecke. “Narrativas espaciais das ações humanas História e aplicação da arqueologia espacial como teoria de médio alcance: o caso das estruturas semi-subterrâneas do planalto Sul-brasileiro”. In: *Revista de Arqueologia*. N. 10, 2006, p. 11-123

COPÉ, Silvia Moehlecke. *Les Grands Constructeurs Précoloniaux du Plateau du Sud du Brésil : Étude de Paysages Archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil*. Tese de Doutorado. Paris. Universidade de Paris I, Sorbonne. 2006.

COPÉ, Silvia Moehlecke; ROSA, Carolina Aveline Deitos. “Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente”. In: *Ciências Humanas. Pesquisa e Método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 97-124.

COPÉ, Silvia Moehlecke; SALDANHA, João Darcy de Moura. “Em busca de um sistema de assentamento para o Planalto Sul-riograndense: escavações no sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS”. In: *Pesquisas*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, n. 58, 2002, p. 107-120.

COPÉ, Sílvia M. & SALDANHA, João D. M. & CABRAL, Mariana P. “Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS”. In: *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, v. 58, p. 121-138, 2002

DE MASI, Marco A. N., ARTUSI, L. “Fase Itapiranga: sítios da Tradição Planáltica”. In: *Pesquisas, Antropologia* n. 40. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1985, p. 99-121.

DIAS, Adriana Schmidt. “Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA”. In: *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, 1995, p. 25-39.

DIAS, Adriana Schmidt. “Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico”. In: *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007.

DIAS, Adriana Schmidt; HOELTZ, Sirlei Elaine. “Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil.” In: *Revista do CEPA*, v. 21, n. 25, p. 21-62, 1997.

DYSON-HUDSON, Rada, SMITH, Eric Alden. “Human territoriality: an ecological Reassessment”. In: *American Anthropologist*, nº 80, 1978, p. 21-41.

EVANS, Cliford. Introdução. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967.

FORSBERG, Lars. *Site variability and settlement patterns: na analysis of the hunter-gatherer settlement system in the Lule river valley – 1500 B.C./AD*. Tese de doutoramento. Umea, University of Umea – Depto of Archaeology, 1985.

HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, 2004.

HALLY, D.. “The Identification of Vessel Function: A Case Study from Northwest Georgia”. In: *American Antiquity* 51, 1986.

HEGMON, Michelle. “Archaeological research on style”. In: *Annual Review in Anthropology*, n. 21, p. 517-536, 1992.

HERBERTS, Ana Lúcia. Relatório de Atividades. CEPA, Santa Cruz do Sul, 1992.

HIGGS, E. S. & VITA-FINZI, C. *Papers in Economic Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

HILBERT, Klaus K. Peter. “‘Cave canem!’: cuidado com os ‘Pronapianos’! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira”. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 1, 2007, p. 117-130.

HERZ, Norman & GARRISON, Ervan G. *Geological Methods for Archaeology*. USA: Oxford University Press, 1998.

JARMAN, M. R. “A territorial model for archaeology: a behavioural and geographical approach”. In CLARKE, David L. (ed.) *Models in Archaeology*. London: Metguen, 1972, p. 705-733.

JOHNSON, Gregory A. “Aspects of Regional Analysis in Archaeology”. In: *Ann. Rev. Anthopology*. vol. 6, 1977, p. 479-508.

KAHN, Henrique. *Difração de Raios X*. Disponível em [http://www.angelfire.com/crazy3/qfl2308/1\\_multipart\\_xF8FF\\_2\\_DIFRACAO.pdf](http://www.angelfire.com/crazy3/qfl2308/1_multipart_xF8FF_2_DIFRACAO.pdf).

Acessado em 14 de novembro de 2010.

LA SALVIA, Fernando, & BROCHADO, José P. *Cerâmica guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

LANATA, José Luis. “Evolución, espacio y adaptación en grupos cazadores-recolectores”. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, v. 3, p. 3-15, 1993.

LATHRAP, Donald W. (ed.). “An archaeological classification of culture contacts situations”. *American Antiquity*. 1956, XXII 2, parte 2:3-30.

MENTZ RIBEIRO, P. A. Et al. “Escavações arqueológicas no município de Bom Jesus, RS”. In: *Revista de Arqueologia* 8, p. 221-236. 1994

PIAZZA, Walter F. “Notícia Arqueológica do Vale do Uruguai”. In: *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, n.º 10 (PRONAPA 2). Belém: MPEG, 1969, p. 55-67.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

REIS, J.A. *Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do Planalto meridional*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

RICE, P.M. *Pottery analysis*. London; Chicago, University of Chicago Press, 1995.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika M. R. *A Ocupação Ceramista Pré-Colonial do Brasil Central: Origens e Desenvolvimento*. São Paulo: USP, 1996.

ROGGE, Jairo. *Fenômenos de Fronteira: Um Estudo das Situações de Contato entre os Portadores das Tradições Cerâmicas Pré-Históricas no Rio Grande Do Sul*. Tese de Doutorado. São Leopoldo. UNISINOS, 2004.

RYE, P. *Pottery Analysis*. Taraxacum Press, 1981

SACK, R. *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge : Cambridge University Press, 1986.

SACKETT, James. “The meaning of style in archaeology: a general model”. In: *American Antiquity*, v. 42, n. 3, p. 369-380, 1977.

SALDANHA, João Darcy de Moura. *Para uma interpretação das estruturas subterrâneas pré-coloniais do planalto sul-riograndense: análise espacial do sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS*. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre. UFRGS, 1999.

SALDANHA, João Darcy de Moura. *Paisagens, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia das Terras Altas do Sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, 2005.

SCHMITZ, Pedro I. “Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani”. In: *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. (A. A. Kern, Org.). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p. 295-330.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BECKER, Ítala Irene Basile. “Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a Tradição Taquara. In: *Documentos*. São Leopoldo, n. 5, 1991, p. 67-96.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BROCHADO, José Proenza. “Arqueologia de Rio Grande do Sul, Brasil”. In: *Estudos Leopoldenses*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, v. 18, n.64, 1982, p. 161-183.

SCHMITZ, Pedro Ignácio et al. “Arqueologia do Rio Grande do Sul”. In: *Pesquisas*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n.16, 1967, p. 1-58.

SCHMITZ, Pedro Ignácio et al. “Pesquisas sobre a Tradição da Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul”. In: *Documentos*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n.2, 1988, p.5-74.

SCHMITZ, Pedro Ignacio et al. “Taió, no vale do rio Itajai, SC. O encontro dos antigos caçadores-coletores com as casas subterrâneas”. In: *Pesquisas*. São Leopoldo, n. 67, 2009, p. 185-254.

SHEPARD, A. O. *Ceramics for the Archaeologist*. Carnegie Institution of Washington, Publication 609, 1965.

SINOPOLI, C. *Approaches to Archaeological Ceramics*. Washington: Plenum Press, 1991.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. “História da Arqueologia Brasileira”. In: *Pesquisas*. São Leopoldo, n. 46, 1991, p. 11-157.

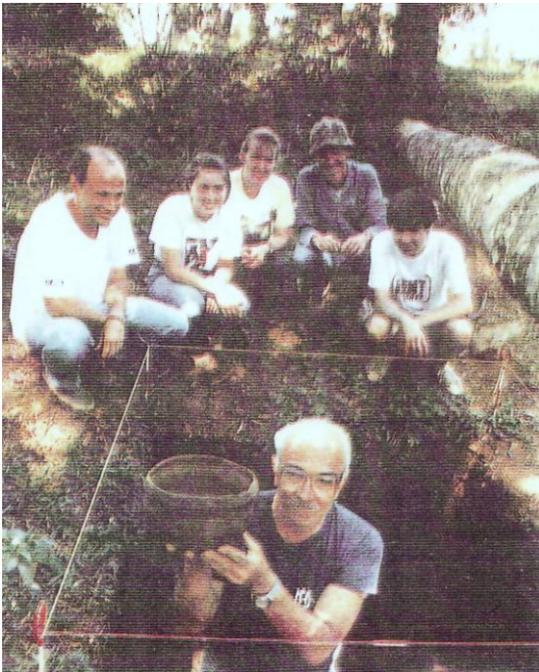
SOUZA, M. “O território : sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In : Castro, I. et al. (orgs.) *Geografia : Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro : Bertrand, 1995.

TRINGHAM, Ruth. “Introduction: settlement patterns and urbanization”. In: *Man, settlement and urbanism*. Cambridge: Schenkman Publishing Company, 1972.

WILLEY, Gordon. *Prehistoric sttlement patterns in the Virú valley, Peru*. Washington, Bureau of American Ethnology, Bulletin n. 155, 1953.

## Anexos

### Anexo 1.



A imagem acima mostra o mesmo vasilhame em detalhe. Fonte: Acervo NuPArq

A imagem a esquerda mostra o momento em que o vasilhame Tupiguarani foi encontrado no interior da Casa C. Fonte: Zero Hora, 16.01.1992.

### Anexo 2.



As imagens mostram a casa C em diferentes estágios do seu processo de escavação, pela equipe do NuPArq. Foto: Cabral. Fonte: Copé (2006)

**Anexo 3.**

A sequência de imagens mostra a casa A. No canto superior esquerdo, antes das escavações começarem (percebe-se no centro da estrutura o poço teste que havia sido realizado pela equipe de Mentz Ribeiro. No canto inferior, a malha suspensa sendo estendida. Acima as escavações em estágio avançado.

Foto Cabral. Fonte: Copé (2006)